

Dificuldades para a dívida externa

18 ABR 1993
■ Especialistas se dividem quanto à natureza da crise

NILTON HORITA

SÃO PAULO — Quando uma fábrica entra em concordata ou sofre grave crise financeira, os membros da família começam a brigar entre si, divergem dos administradores, os acionistas reagem com críticas, consultores são contratados para opinar e o banco cobra um plano de saneamento da empresa. Ninguém se entende e não há acordo entre as forças no micro-universo da companhia. Enquanto isso, a fábrica não cresce.

Segundo o economista Roberto Macedo, ex-secretário de Política Econômica do Ministério da Economia e atualmente professor da USP, é esta a situação do Brasil: o

país está em concordata. "Tentei negociar com o Congresso a necessidade de se cortar despesas e deu para sentir na carne que a nossa encrenca é política."

Com os banqueiros internacionais, recorda Macedo, a situação não foi mais confortável. "Quando pedi compreensão, fui humilhado". O atual governo, segundo o ex-secretário, vai conseguir apenas dar um lustro na placa da década perdida pois é de um Executivo de coalizão e não de flação.

Luiz Eduardo Assis também passou pelo governo, mas discorda de Macedo. Ex-diretor de Política Monetária do BC e atualmente diretor do Departamento Econômico do Citibank, Assis afirma que é "ingenuidade" achar que a crise tem origem política porque a classe política atrapalha a vida dos economistas. "Na verdade, todos os planos fracassaram porque não eram articulados or-

ganicamente com os partidos e a sociedade", afirma.

O contraponto a essa visão de dois ex-membros do governo vem do economista Jeffrey Sachs, consultor para execução de planos de estabilização na Bolívia, Polônia e Mongólia. Segundo ele, um projeto econômico bem formulado na parte técnica compensa a fragilidade de um governo. "Foi assim na Bolívia, em 1985", recorda.

Os banqueiros e investidores internacionais, por sua vez, têm um ponto de vista pragmático e a eles pouco importa se a crise é política ou não. "A chave de tudo é o programa econômico do país e, para falar com franqueza, pairam incertezas em relação ao projeto do Brasil", avalia Arthur Ryan, presidente mundial do Chase Manhattan Bank. "A economia brasileira deve ter mais habilidade

para resolver seus problemas e atrair mais investimento em fábricas." Luiz Eduardo Assis lembra que quando conversou com os governadores no sentido de restringir os gastos dos estados, recebia como resposta argumentos difíceis de combater.

"Por que não posso ter déficit público se estou gastando o dinheiro na construção de escolas, hospitais e delegacias? Se você me garante que pode dar em hiperinflação, eu acho que vale o risco, pois mesmo com hiper a escola, o hospital e a delegacia vão continuar ali, atendendo à população", afirmou a Assis um dos governadores.

O ex-diretor do BC, que tinha, entre outras inúmeras funções, a de controlar o dinheiro gasto pelos bancos estaduais, concorda que, tecnicamente, essa é uma colocação irresponsável.